

Problema é outro no Brasil

O presidente da Associação de Docentes da Universidade de Brasília (UnB), Sadi Dal Rosso, acha que a situação do ensino superior no Brasil é muito diferente da americana. "Aqui não existe ênfase exagerada à pesquisa. Muito pelo contrário", diz. Segundo ele, praticamente não há pesquisa nas universidades particulares e nas públicas (federais e estaduais), que fazem ensino e pesquisa, não há caso de professores-pesquisadores desligados das atividades de ensino.

— Quando a pesquisa é boa numa universidade, o ensino também é bom. Só vejo necessidade de incentivar a pesquisa nas universidades brasileiras — argumenta.

Na opinião do professor Dal Rosso, o que atrasou o ensino no Brasil foi o Governo ter tirado em parte a pesquisa das universidades através da criação de centros de pesquisa fora das instituições universitárias, que classifica de "um crime". Ele diz que a situação nas universidades americanas é diferente porque lá as grandes empresas é que financiam a pesquisa e o professor-pesquisador fica fora de sala de aula. "Nos Estados Unidos as empresas controlam alguns departamentos que fazem pesquisa", afirma.

Justamente para reafirmar o conceito de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, os professores da UnB decidiram em assembléia rejeitar a gratificação de produtividade de ensino (Gripe) — de 20% para quem

dá mais aulas — proposta pelo Governo Federal na regulamentação do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos. Eles encaminharam documento ao Conselho Universitário da UnB solicitando que a Gripe não seja implantada na UnB.

A UnB não é uma escola normal ou de 2º grau. Não tem por que o Governo dar gratificação para quem dá aulas — justifica Dal Rosso.

No documento, os professores argumentam que a Gripe rompe com o conceito de isonomia nacional ao gratificar apenas a atividade em sala de aula e atenta contra a independência científica e tecnológica do país. "A universidade pública é o baluarte da pesquisa no Brasil", diz o presidente da Associação de Docentes.

Ele ressalta que essa decisão da assembléia — à qual compareceram 150 dos 1.000 professores da UnB — não significa que os docentes não queiram reajustes salariais. "Estamos reivindicando 20% de reajuste para todos os professores", afirma Dal Rosso. Na mesma assembléia, foi rejeitada uma outra proposta do Plano de Cargos e Salários: o regime de 40 horas semanais de trabalho sem dedicação exclusiva sob o argumento de que leva a "solapar" a universidade. "Sem exclusividade, ninguém vai dar 40 horas se trabalhar em mais de um emprego", explica o professor.